

Gerações: Mídia e (Re)construções Míticas e Utópicas

Gustavo Esteves Lopes

RESUMO:

O TEXTO PRETENDE UMA NARRATIVA HISTORIOGRÁFICA QUE COMPREENDA OS MITOS E UTOPIAS (RE)CONTRUÍDAS, ATRAVÉS DA MÍDIA, PELAS SUCESSIVAS GERAÇÕES DE JOVENS, DO PÓS-II GUERRA MUNDIAL AO SÉCULO XXI, NA QUAL SE APRESENTAM OS CONTEXTOS INTERNACIONAL E, PRINCIPALMENTE, BRASILEIRO. DENTRE AS FORMAS DE CONSTRUÇÕES MÍTICAS E UTÓPICAS MAIS RECORRENTES É A DE DENOMINAR OS ANOS OU DÉCADAS COM ADJETIVOS QUE EXPRESSAM OS COMPORTAMENTOS DESTES JOVENS. PERCEBE-SE QUE AS COMPLEXAS TEMPORALIDADES QUE ENVOLVEM A SUCESSÃO DE GERAÇÕES DE JOVENS ABARCA MAIS IMAGINÁRIOS E EVENTOS DO QUE AQUELES DEFINIDOS PELA MÍDIA COMO OS ANOS "DOURADOS", "REBELDES", "DE CHUMBO", "PERDIDOS", "DO NOVO MILÊNIO", PORQUE NÃO HÁ HISTORICIDADE QUE DITE ONDE COMEÇA E TERMINA, DE FATO, CADA GERAÇÃO. NO ENTANTO, O PONTO EM COMUM QUE LIGA AS GERAÇÕES DE JOVENS É A INATA REBELDIA, QUE ACOMPANHA SUAS TRAJETÓRIAS; E POR MEIO DA QUAL SE PRATICAM SEUS RITOS QUE BUSCAM MÍTICOS ESPÍRITOS PRIMORDIAIS E UTÓPICAS POSTERIDADES NAS SOCIEDADES MODERNAS.

“Os Mass Media, é sabido, veiculam sem cessar todo um mundo mítico cujos pulmões são fortes...”
Dominique Cexus¹

Uma historiografia preocupada com mitos e utopias pretende compreender os significados das sacralizações emanadas das realidades que compõem os mesmos tecidos narrativos que os dos acontecimentos históricos propriamente ditos. Ainda que os mitos pretendam retornar aos espíritos primordiais, e as utopias referiram-se a uma posteridade refletida no tempo presente, não se deve considerá-las meras fábulas, mas construções das memórias coletivas, entendidas como formas de representação social. Trabalhar com periodizações que delimitam o tempo da narrativa do historiador é como seguir um caminho contrário ao tom vital das narrativas míticas e utópicas, à medida que a historiografia trata do que de fato aconteceu, ao passo que mitos e utopias, do que poderia e que poderá acontecer. Mas historiografia é escrita com a intenção de relatar não apenas atos, discursos oficiais. Serve-se pois a relatar também oralidades e culturas escritas que apresentam visões de mundo, consumadas ou não, inerentes às paixões e necessidades expressadas na edição e execução de leis e atos institucionais; na realização de manifestações cívicas, religiosas e mesmo de protesto; no desenvolvimento tecnológico e científico norteado por quaisquer ideologias (por exemplo, o progresso); no tombamento dos monumentos e documentos que rememorem e ensinem as glórias dos fundadores de uma República e de todos os regimes de governo, protagonistas em relação ao saudosismo (ressentimento) e infâmia dos vencidos; e no sacrifício de bodes expiatórios para alimentar o estômago e a alma de deuses instituídos em Estados Nacionais, sistemas econômicos, e revoluções. Estes eventos ocorridos em sociedade,

¹ Cexus, Dominique. O Circo dos Comodistas; in: Luccioni, Gennie; Barthes, Roland.; Ramnoux, Clemence (Et. Alli). Atualidade do Mito. São Paulo: Duas Cidades. 1977. p.162. O presente artigo é uma re(leitura), grosso modo, das narrativas de memórias apoiadas nas Mass Media. Como recompensa, seria interessante investigar historiograficamente as construções míticas utópicas das sucessivas gerações de jovens através da mídia. Para tanto, livros de memória escritos por jornalistas podem ser considerados documentos/monumentos que expressariam uma memória coletiva construída através do amparo dos recursos técnicos midiáticos.

família e individualmente são ritos que dão sentido à manutenção que estratifica grupos sociais em cidadanias, classes, gêneros, etnias, ofícios, ideologias, e gerações.

As gerações, enquanto representações sociais, têm importância singular quanto a esta discussão acerca dos mitos e utopias compreendidos na narrativa historiográfica. Porque estão em espaços e tempos de modo a estabelecerem-se como elos entre as outras representações sociais, cujas memórias coletivas se reconstróem a partir da complexa sucessão de papéis entre jovens e velhos; aspirantes, iniciados e reformados, filhos, pais e avós. Ou seja, gerações são grupos etários que comungam identidades cujas relações se fundamentam nos respectivos sentimentos de pertencimento e não-pertencimento, em tempos e espaços comuns. Nas sociedades modernas, da mesma forma que as gerações de grupos etários adultos iniciados ou reformados experimentaram responsabilidades memoráveis, a geração de um grupo etário juvenil também aspira construir as próprias responsabilidades, testemunhar as memórias de uma época, ainda que à luz dos acontecimentos, dos mitos e das utopias perpetrados por suas gerações predecessoras. Mais especificamente, a geração de um grupo etário juvenil, i.e. a juventude, assume posição de rebeldia e contestação diante das gerações mais antigas, não necessariamente de todas, mas daquelas que não representam os anseios de uma presente geração de jovens para com as próximas. As sucessivas gerações de jovens são capazes de saudosismos (invenção de tradições que retomam ideais e códigos de conduta exemplares, que todavia não seguem lógicas internas) reconstruídos junto às reivindicações específicas de cada época.²

Quaisquer experiências em que há sacrifícios, sobretudo em guerras e ditaduras, as juventudes têm seus mitos e utopias esterilizadas, porque comungam de um rito o qual amadurecem-lhes precocemente, cerceando radicalmente o que resta da inata inocência que ainda carregavam desde a infância. Nas sociedades modernas, que passaram pelas transformações estruturais decorrentes dos efeitos da II Guerra Mundial, considera-se que suas primeiras gerações de jovens se formaram à medida que os sobreviventes da faixa etária infantil foram amadurecendo (além de que não registram, como os adultos, na memória acontecimentos compreensíveis em sua totalidade). Deste modo, a primeira geração de jovens experimentado-se no mundo pós-guerra, consensualmente, marcou época a partir dos “Anos 50”, embora antecedentes e posteridades ocorreram para aquém e além de uma década. A rebeldia destes jovens manifestava-se nos modos de se vestir,

² Cf., Eliade, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 6ª ed. 2002; Halbwachs, Maurice. La Mémoire Collective. Paris: PUF. 1950; Eisenstadt, N. S. De Geração em Geração. São Paulo: Perspectiva. 1976. pp. 33-5; 253-305; Luccioni, G.; Barthes, R.; Ramnoux, Clemence (Et. Alli). Atualidade do Mito. São Paulo: Duas Cidades. 1977.

em assumir hábitos até então constrangedores, e abdicar da mesma educação dos pais, familiares e mestres. Entretanto, a rebeldia também se manifestava em um radicalismo, no intuito de fortalecer tradições que os próprios pais e mestres foram incapazes de dar continuidade às utopias dos avós e dos mestres mais antigos. Em tais construções da memória coletiva à luz das *Mass Media*, diversas denominações tiveram os mitos e utopias das sucessivas gerações, dos grupos etários que vivenciaram o pós-guerra. Entendem-se os “Anos 50” especialmente como “Anos Dourados”. Esta denominação pode-se compreender pelo universo mítico de uma situação de retorno ao primordial, uma redenção que reaviva utopias, por conseguinte, esperanças, recomeços. Com o desenvolvimento tecnológico produzido durante a II Guerra Mundial, as sociedades modernas passaram por uma condição em que novos paradigmas se fundaram às suas estruturas e superestruturas – como o do consumo estilizado pelo capitalismo de mercado, e seus meios de comunicação de massa – que influenciaram as aspirações sociais desta juventude dos “Anos Dourados”. A título de exemplos ilustrativos sobre o contexto internacional, na ex-URSS, no tempo da morte de Stálin, formava-se o laboratório teatral de Stanislavski; nos Estados Unidos, o cinema estrelado por James Dean e o *rock’n roll* de Elvis Presley formataram comportamentos seguidos pelo público jovem, ao passo que também florescia uma literatura da experimentação do tradicional e alternativo, com os *beats*; na Europa, filosofias tornaram moda festejá-las dentro e fora (dos bares e salas-de-aula) das academias, como o existencialismo de J.-P. Sartre, enquanto as passarelas eram tomadas por manequins como a atriz Marlene Dietrich. E um ícone para posteridade surgia em 1959 com a Revolução Cubana, liderada por Fidel Castro: o mito Ernesto “Che” Guevara.

Após o evento público e radiofônico do cortejo fúnebre do suicídio do presidente Getúlio Vargas - “O Pai dos Pobres” –, o presidente empossado, o vice udenista Café Filho, a duras penas aceitou a democracia representativa até o término de seu mandato, mas deu posse ao presidente Juscelino Kubitschek, que: não somente realizou uma gestão liberal; uma modernização industrial (às custas do capital internacional); a oportunidade de emprego em larga escala nos pólos industriais metropolitanos; mas o sonho de consumo de muitos jovens da chamada classe média – por exemplo, Fusca ou DKW da Vemag-VW. O ano de 1958 foi o mais *feliz* dos frutuosos “Anos Dourados”; mais ainda porque o futebol da seleção brasileira conquistara a Taça Jules Rimet na final contra a anfitriã Suécia, vencida por 5x2, da Copa do Mundo, oito anos após o fatídico 2x1, contra a celeste uruguaia em pleno Maracanã, o maior estádio do mundo, construído

para a Copa de 1950 – e a festa do Bicampeonato teria continuidade no Chile. Em outros esportes, Adhemar Ferreira da Silva sagrara-se Bicampeão Olímpico de Salto à Distância (1952 e 1956), e Maria Esther Bueno, Tricampeã em Wimbledon (1959-1960-1964). A cultura brasileira tivera o milagre de parir uma literata (diarista) na sensibilidade e esforço de uma senhora negra, favelada, como maior parte dos trabalhadores migrantes que tentavam a vida na cidade grande: Maria Carolina de Jesus; mas também teve a ironia de excretar de um velho o modelo de mentalidade reacionária (que olhando para os “Anos 1950”, seria ele algo meio idealista, romântico às avessas): o jornalista e escritor Nelson Rodrigues. A Chanchada, originada do teatro de revista dos finais dos anos de 1940, lotava as sessões de cinema; enquanto na música a bossa nova ganhava rapidamente o conhecimento do público internacional e o rock era traduzido para a língua portuguesa na voz de Cely Campello. O teatro do TBC apresentava espetáculos de textos clássicos, com Paulo Autran. Porém, militância política também se fez presente no teatro, como o Arena. Se a política se faz segundo o embate de opiniões, havia também exageros de uma juventude mais violenta que transgressora, que além de praticar a violência da cultura de *gangs*, no mais das vezes, agrupavam-se em grupos que se congregavam em torno de ideais conservadores e extremistas contra o populismo (ou também à superada ditadura de 1930 a 1945) de Vargas, e da mesma forma contra o “comunismo” (o totalitarismo que sobreviveu à II Guerra Mundial). Mas no Brasil havia *gangs*, como nos Estados Unidos, que se bastavam em incendiar mendigos ou *violentar* garotas. Ensinaam por meio da rebeldia excessos, autoritarismo, violência às sucessivas gerações. Apesar do estigma de *Rebelde Sem Causa*, a geração dos “Anos 50” se consolidava como o modelo áureo de juventude, caracterizando-se como os “Anos Dourados”, ainda entre a inocência e perversidade.³

Mas nos “Anos 60” iniciava-se uma inquietação que faria esta geração ser lembrada como a dos “Anos Rebeldes”. Porque a geração dos “Anos 50” legou para a posteridade uma rebeldia como forma de protesto para alcançar a realização dos anseios da juventude das sociedades modernas. À medida que a *Guerra Fria*, ideológica contra a URSS, mas militar contra países do terceiro mundo espalhados pelo globo, recrudescia, o autoritarismo que imperava na conjuntura na virada para os “Anos 60” aguçava a rebeldia

³ Cf., Carmo, Paulo Sérgio do. *Culturas da Rebeldia: A Juventude em Questão*. São Paulo: SENAC. 2001. Seráfico, José. *Memórias Talvez Precoces*. Belém: CEJUP. 1991. Santos, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958! O Ano Que Não Devia Terminar*. São Paulo: Record. 1998; Meihy, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela Negra: A Saga de Maria Carolina de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ. 1994; Rosenfeld, Anatol. *O Problema das Gangs; Cultura e Gangs*; in: *Texto/Contexto II*. São Paulo: Perspectiva. 1993. pp. 217-32. *Revista Brasileira de História*. Brasil (1954-64). São Paulo: ANPUH/Marco Zero. V.14, nº27. 1994; RBH. *Brasil: do Ensaio ao Golpe (1954-1964)*. São Paulo: ANPUH, v. 24, n.º 47. Seráfico, José. *Memórias Talvez Precoces*. Belém: CEJUP. 1991.

inata, deste modo acentuando a politização e contestação dos jovens. Nos Estados Unidos, enquanto o governo cada vez mais se abalava com o assassinato do presidente John F. Kennedy, os mísseis nucleares em Cuba apontados para a Flórida, e a corrida armamentista e espacial disputada com a URSS, a juventude se efervescia na luta contra os preconceitos raciais e a Guerra do Vietnã; na Europa, Estados Unidos e América Latina, levas de estudantes reivindicavam melhorias das condições educacionais garantidas com o pós-guerra, que não se concretizavam. No Brasil, a juventude estudantil respirava toda efervescência cultural e política conduzida pelas liberdades alcançadas durante os “Anos Dourados”. A *Jovem Guarda* ainda guardava aspectos da inocência de que a juventude ainda vivia mais na malandragem que na delinqüência, mas não deixara de ser um celeiro para efervescência do rock no Brasil, do qual floresceram artistas como os Mutantes e um baiano que chamava Raul Seixas, de uma banda chamada *Os Panteras*. O teatro do CPC e o Cinema-Novo preocupavam-se em mostrar a face carente do Brasil, desconhecida senão velada, durante os “Anos Dourados”, que ainda se faziam de certa forma presentes no início dos “Anos 60”. O samba fazia o encontro de três gerações etárias, no Restaurante *Zicartola*, reunindo Zé Kéti, Cartola e Nelson Sargento, o amadurecido Tom Jobim e o jovem Paulinho da Viola, enquanto funcionou entre 1963 e 1965. As conquistas do movimento estudantil estavam cada vez mais presentes nas manifestações políticas, representadas por suas entidades civis (UNE, UMES, etc.), e agremiações políticas (JUC, AP, PCB). No plano político-institucional, o governo populista do presidente João Goulart era paulatinamente minado pelo revanchismo da sociedade civil conservadora; e pelas próprias Forças Armadas, preparadas na Escola Superior de Guerra para a ocasião de uma *contra-revolução* comunista no Brasil. Até seu padrinho de casamento, o ministro da Guerra, General Amaury Kruel, na última hora, debandou de seu governo, em crise desde o início, com a renúncia do presidente eleito Jânio Quadros. Jovens, anticomunistas ou não, acompanhavam, suas mães e avós na *Marcha da Família com Deus e pela Liberdade* e similares, que pôs nas ruas mais de 1 milhão de pessoas, o dobro de pessoas que aclamaram as Reformas de Base, diante da *Central do Brasil*.

Todavia, a *Revolução de 1964*, além de abandonar completamente o projeto de desenvolvimento nacional do governo deposto, contribuiu para que a revolta estudantil aumentasse, principalmente porque não supriu a necessidade de vagas para jovens recém-ingressos nas universidades públicas e privadas (com o auxílio de bolsas), e desde que tomaram o poder foram muito severos com o *futuro* do país. Durante o governo do Marechal Castelo Branco, a *Crise dos Excedentes* de 1966 e 1967 reavivou as rixas

estudantis internas entre direitas e esquerdas, alimentadas pela bipolaridade ideológica da *Guerra Fria*. Todos jovens adequavam a rebeldia em seus mitos e utopias, seja a revolução social, sexual, ou mesmo seu contrário, a de 1964. A violência, durante o governo militar (cada vez menos civil), constatava-se em 1968 em cada manifestação reprimida pelo Exército e pelas polícias, da mesma forma que o protesto armado tornava-se a única saída para aqueles que não abandonavam seus ideais. Muitos jovens que desfilaram com as mães em 1964, “tiveram” de ser detidos e entregues à família em 1968 (porque depois do AI-5, a época não era mais a mesma); enquanto outros organizavam-se politicamente representados por siglas bizarras (CCC, MAC, FAC) segundo os mesmos ideais aclamados pela *Marcha*, e depois que se formaram nas faculdades, muitos vieram a trabalhar em delegacias e foram *justiçados* por comandos revolucionários de esquerda, em vista dos excessos cometidos em tortura. A rebeldia de comportamento e pensamento não tinha mais espaço no cotidiano da juventude, porque cerceada pelo autoritarismo – com o fechamento ditatorial editado pelo presidente Costa e Silva, que tentou calar na marra a boca de jovens subversivos (inclusive de para-militares estudantis, obviamente de direita), e quaisquer outros descontentes com a situação. A juventude dos “Anos 60” foi se consumando com as reações do poder aos seus protestos, de modo a conduzir os mais inflamados por ideais a cair na experiência da luta armada, na qual se sabia que perderiam o contato com a família, namoradas e amigos, para a exclusiva dedicação ao protesto do fuzil na mão, com a disposição de arriscar as próprias vidas. Isto valia também para o outro lado, em que havia, por exemplo, um jovem delegado, negro, complexado sexualmente, que seria assassinado em 1973 por *justiçamento revolucionário*, Otávio Gonçalves Moreira Júnior, o torturador Otavinho, nove anos após formar-se em Direito no L. São Francisco, e se profissionalizar no que aprendera com sua *gang*, o CCC., durante os meados dos “Anos Rebeldes”.⁴

Rebeldia juvenil, só no chumbo. Os “Anos 60”, antes que a própria década se encerrasse, foram se tornando não mais simplesmente “Anos Rebeldes”, mas “Anos de Chumbo”, em que jovens alcançando a maturidade, tornaram-se *terroristas, guerrilheiros, e torturadores*; salvo jovens silenciados pela ideologia do progresso de um “*Brasil, país do futuro*”. *In illo tempore* o Brasil parava para assistir o Tricampeonato de Pelé, Tostão, e cia. na Copa de 70, no México. O milagre econômico coexistia à guerra interna, enquanto

⁴ Cf. Carmo, P. S. Op Cit. pp. 17-105.;Castro, Maurício Barros de. Zicartola: Política e Samba na Casa de Cartola e Dona Zica. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2004. Gorender, Jacob. Combate nas Trevas. São Paulo: Ática, 6º ed. 2002; Ventura, Zuenir. 1968: O Ano Que Não Terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1988; Perrone, Fernando. Relatos de Guerra: Praga, São Paulo, Paris. São Paulo: Busca Vida. 1988; Martins, Luciano. A "Geração AI-5" – Maio de 68: Duas Manifestações Intransitivas. Rio de Janeiro : Argumento. 2004.

o público consumidor de mídia no Brasil esperava apenas que se alcançasse a conquista do Tetracampeonato. Nos centros urbanos, mesmo após o governo Médici, o pavor da sociedade civil, arrependida por um dia apoiar um golpe de Estado, verificava-se em acontecimentos como a morte do jornalista *Wlado* Herzog e do operário Manuel Fiel Filho, que se somavam às centenas de mortos e desaparecidos políticos (silenciados pela censura prévia), para a tristeza e rebeldia de *filhos da ditadura* como o então jovem (porque não ainda?) Marcelo Rubens Paiva, filho do deputado federal pelo MDB (de origem petebista) Rubens Paiva. Operários se reuniam para construir seus novos sindicatos, mas os jovens rebelavam-se pelas saídas políticas e culturais que foram empreendidas desde antes do Golpe, em que reconstruísse as antigas UNE, UEE's UBES, UMES, de modo que a parcela mais nova desta juventude decidiu-se por uma titubeante desilusão – o descomprometimento político que atacou o mesmo órfão *Marcelo* que pulou de cabeça em laguinho e quebrou a quinta vértebra, deixando-o paraplégico. Ainda que o governo Geisel tentasse dar fim às torturas e revanchismos, a tarefa complicava-se. Após a Anistia conquistada definitivamente no governo João Baptista Figueiredo, a violência e a delinqüência se disseminavam politicamente com o ressurgimento de agremiações estudantis como o CCC, que destruíam bancas de jornal, além das corriqueiras agressões físicas, e sem deixar de mencionar o mau-exemplo dos militares que se acidentaram com a própria bomba no 1º de maio de 1980, incentivando a conduta desta juventude extremista e perversa.⁵

Dos meados dos “Anos 70” aos meados dos “Anos 80”, a construção do PT e as campanhas pelas “Diretas Já!” e demonstravam que o país não vivia mais plenamente os “Anos de Chumbo”. Entretanto, a repetição de mais uma eleição presidencial indireta afogou os ânimos da juventude mais exaltada, aprofundada após a morte do presidente eleito indiretamente Tancredo Neves com a posse do então vira-casaca (ex-ARENA) José Sarney, que em seu governo elevou a inflação a mais de 100% ao mês, sem mencionar todas as Copas do Mundo que o Brasil não conquistou desde o Tricampeonato, circunstâncias estas que conduziram os incipientes “Anos 80” à condição de “Anos Perdidos”, “Década ou Geração Perdida”. Apenas a história de vida de Marcelo Rubens Paiva contradiz que esta foi a “Geração Perdida”, porque nesta época se descobriu um

⁵ Aquino, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): O Exercício Cotidiano da Dominação e da Resistência – O Estado de S. Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC. 1999; Fon, Antônio Carlos. *Tortura: História da Repressão no Brasil*. São Paulo: 1979. Global Gorender, Jacob. Op. Cit.; Gabeira, Fernando. *O Que É Isso Companheiro?*. Rio de Janeiro: CODECRI, 6ª ed. 1979; Syrky, Alfredo. *Os Carbonários: Memórias da Guerrilha Perdida*. 1980; Paiva, Marcelo Rubens. *Feliz Ano Velho*. São Paulo: Brasiliense. 1982. Kucinski, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionário: nos Tempos da Imprensa Alternativa*. São Paulo: Scritta. 1991.

literato, talentoso e de um esforço de recuperação que faltou ao jogador Zico após tantas cirurgias no joelho. O rock brasileiro, nas vozes *punks* e *waves*, cantava a vontade de libertação, enquanto os músicos predecessores, originados da MPB e Tropicália, retornavam da Europa e Estados Unidos enriquecidos, conservadores e com ares de redenção, da mesma forma que antigos jovens militantes esquerdistas foram assumindo cargos burocráticos e eleitorais na Nova República (pós-Constituição de 1988), contradizendo-se sem arrependimento suas histórias de vida de luta revolucionária, assumindo posição liberais que durante a geração dos “Anos Rebeldes” seriam inadmissíveis. Com as evidências definitivas para se construir os “Anos 80” memorados como “Geração Perdida” reconhece-se tal veredicto na esperança frustrada com a derrota do sindicalista e então deputado federal petista Luís Inácio Lula da Silva para o *playboy* Fernando Collor de Mello. Mas a bipolaridade entre direita e esquerda foi se esfacelando à medida que a *Guerra Fria* acontecia nas estrelas, demonstrada no cinema com as hipotéticas derrotas humilhantes que sofriam os malvados soviéticos – bem menos perigosos que os ET’s – e realizada de fato com as cenas da queda do Muro de Berlim e do fim do *regime comunista*. O ator R. Reagan saiu-se como herói no filme da vida real.

Em vista das conturbações sociais, políticas e culturais no Brasil, decorrentes dos “Anos 80”, o início dos “Anos 90” aproximava-se mais da “Década Perdida” do que do “Novo Milênio”. O Congresso permitiu a renúncia de um presidente (muita gente ainda acredita que houve impeachment, e graças aos caras-pintadas) que corrompeu-se, tirou férias, mas há um tempo voltou a candidatar-se; os consumidores e contribuintes tiveram que passar pelo condicionamento econômico de transição da Moeda Nacional; até o computador demorou a ser popularizado, ser utilizado em escolas; e os espectadores tiveram que presenciar a *pasteurização* sem precedentes tanto das novas quanto antigas gerações de artistas brasileiros. Vale ressaltar que a seleção brasileira da Copa de 1990, comandada por Sebastião Lazzaroni, ainda é lembrada como *a pior de todos os tempos*. E os torcedores tiveram que rever a “Era Dunga” redimir-se em 1994 nos Estados Unidos, mais com o sentimento de desabafo do que propriamente emoção pela vitória maior no esporte bretão. Percebe-se, portanto, que esta geração de jovens formada entre os meados dos “Anos 90” e a virada do Século XXI está construção, tentando compreender a memória coletiva das gerações predecessoras quanto de si mesma. Por isso é complicado estigmatizá-la, senão como algo entre o escatológico e o *enlatado* denominado “Novo Milênio”, tão esotérico e sem critérios quanto a sociedade de consumo atual, dita pós-moderna, que sintetiza pela mídia os mitos e utopias vivenciadas pelas

precedentes gerações de jovens, reconstruindo-os, como os sucessivos presidentes FHC e Lula. Pois nas sociedades modernas, o mito e a utopia intrínsecos às gerações de jovens estão, a priori, ainda na representação do *Rebelde Sem Causa*, idealizada nos “Anos Dourados”, seja com o filme homônimo, ou com a morte estúpida de James Dean, na vida real. Basta ligar a tv, acessar a internet, ou ler um jornal para que as rebeldias dos jovens se expressem como ritos, por exemplo, dos mitos e utopias do terrorismo e das glórias do Pentacampeonato, enaltecendo Bin Laden e brigando em estádios de futebol, sem saberem porque.⁶

⁶ Carmo, P. S. do. Idem. pp. 123 ss.; Harvey, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 12ª ed. 2003. pp. 16-113. Darnton, Robert. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Cia. das Letras. 1995. pp. 51-105.